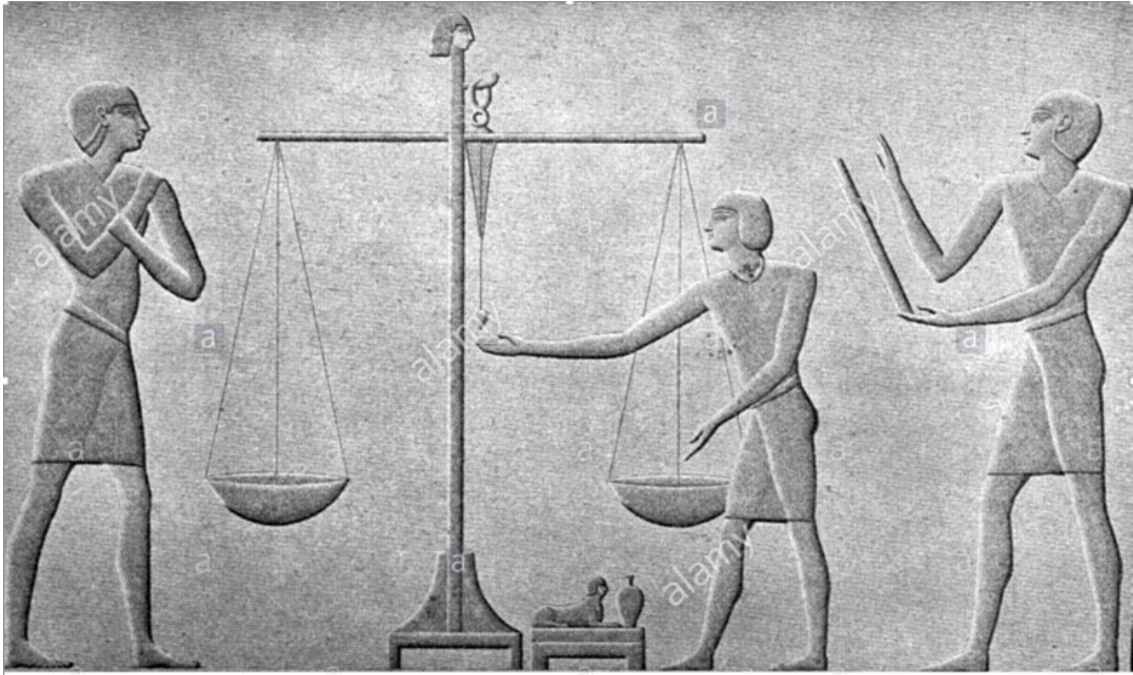


PESADO FOSTE NA BALANÇA E ACHADO FOSTE EM FALTA



Wellington Corporation



Uma das mais fantásticas histórias proféticas das Escrituras acontece na noite em que Babilônia será conquistada pelo império Medo-Persa.

Nessa noite, na região que hoje conhecemos como Irã, a cerca de 90 Km da cidade de Bagdá, numa cidade sitiada, certamente no décimo dia da festa religiosa consagrada a Marduk, celebrando o casamento de Ishitar e Marduk, nos dias de banquetes religiosos feitos de manjares cerimoniais, danças, cânticos e rituais pouco ortodoxos de sexo sagrado, o filho de um sacerdote erguido a rei temporário, viverá um dos mais assombrosos, terríveis e dramáticos momentos da história humana.

Os povos da antiguidade eram movidos a presságios, envoltos no sobrenatural. Havia ofícios mágicos conectados aos governos, verdadeiros ministérios da magia. Egípcios, romanos, gregos, japoneses, chineses, coreanos, babilônicos, sumerianos, civilizações indianas e africanas possuíam oficiais versados em artes mágicas, em conhecimentos de astronomia que eram tidos como essenciais para regular a agricultura, as épocas de plantações, e também por estar relacionado a várias doutrinas esotéricas que iam da astrologia ao xamanismo onde não havia a possibilidade de um reino existir sem aporte do conhecimento da vontade dos "céus" ou da direção dos deuses. O desagravo a alguma divindade poderia amaldiçoar uma família real, trazer a praga sobre uma cidade, disseminar a maldição sobre famílias e até a dissolução de uma nação fosse pela guerra ou por desastres de toda espécie. Os magos da antiguidade eram versados em conhecimentos que hoje migraram para as universidades, unidos a conhecimentos esotéricos e religiosos. Num mundo dominado por forças espirituais de toda espécie, a presença de espíritos malignos, de entidades fantasmagóricas, de seres sobrenaturais de toda sorte era preocupação constante dos governantes que tentavam se proteger através de ritos, cerimoniais, atos consagratórios de toda sorte. As atividades palacianas seguiam dias propícios, datas sorteadas ou dirigidas por posição dos astros, que determinariam da época dos nascimentos dos príncipes até os dias de matrimônio, para que casais obtivessem a felicidade. Os japoneses criam, por exemplo, que fantasmas assombravam lugares diversificados, e também poderiam entrar em lugares destinados a realeza e até assassinar pessoas.

Konjaku Monogatarishū (今昔物語集?) (lit. Antologia do Contos do passado) é uma coleção Japão que compreende mais de mil contos fantásticos, CRIDOS COMO TESTEMUNHOS DE ASSOMBRAÇÕES REAIS POR SÉCULOS escritos durante o final do período Heian (794-1185). A coleção originalmente continha 31 volumes, dos quais restam apenas 28. Os volumes cobrem vários contos da Índia, China e Japão. Os contos contidos no trabalho estão divididos de acordo com a região em que ocorrem. Os 5 primeiros volumes contêm contos da Índia, os próximos cinco compreendem contos da China e o restante são contos do

Japão. O material destes contos é traçado a partir do budismo e do folclore secular.

Todos os contos na coleção começam com a frase "Agora há muito tempo" (今は昔 ima wa Mukashi). A pronúncia chinesa desta frase é Kon-Jaku, sendo daí a origem do nome desta coleção. Os contos budistas cobrem uma vasta gama de tópicos, tanto contos históricos sobre o desenvolvimento, transmissão e difusão do budismo, e contos dogmáticos que enfatizam suas crenças na retribuição cármica. Os contos folclóricos em sua maioria retratavam o encontro entre seres humanos e o sobrenatural. Os personagens típicos são retirados da sociedade japonesa da época - a nobreza, guerreiros, monges, estudiosos, médicos, agricultores, pescadores, comerciantes, prostitutas, bandidos, mendigos. Suas contrapartes sobrenaturais são os onis e os tengus. Em muitos vilarejos do Japão atual, as listas de "monstros" do Konjara não são somente uma abstração. Criam que suas atividades estavam concentradas principalmente durante a noite, e exceto aquela classe de criaturas chamadas kami ("divindades"), isto era considerado como verdade para criaturas tão diversas como fantasmas (rei), demônios (oni), espíritos (sei), javalis (inoshishi) e raposas (kitsune). A noite parece ter sido o período de tempo feito especialmente para essas criaturas. A noite era claramente uma hora especial, uma entidade isenta da ordem controlada pelos humanos durante as horas do dia.

A religião da antiguidade visava impedir que os demônios devorassem aos homens, que os mortos se tornassem demônios e infernizassem aos vivos, que os "terrores noturno" não enlouquecessem os homens. O mundo antigo era de uma espiritualidade misturada, deformada. O medo dos poderes celestiais, o "medo da morte" citado por Paulo que escravizava a psique do homem antigo, era de tal monta que milhares de sacrifícios humanos eram realizados em diversas partes do mundo, na vã tentativa de impedir a ação de poderes de trevas, de forças espirituais de caráter desconhecido.

As preces mágicas, a feitiçaria e os encantamentos seguiam de perto ao homem da antiguidade. Fenômenos naturais que fossem interpretados de modo pessimista poderiam levar a morte de centenas de pessoas.

Os povos da antiguidade sentavam-se nas noites estreladas contando histórias de terror como motivo de divertimento. As conversas em muitas ocasiões eram como relatos assombrados em acampamento de adolescentes americanos, ou como as histórias tipo Kaidan – Contos sobrenaturais japoneses, um tipo de literatura fantástica, de assombração. Ainda nos dias de hoje, durante o verão no Japão, é comum brincadeiras em que as pessoas sentam-se em rodas para contar narrativas de terror, uma espécie de jogo que existe desde tempos anteriores, chamado Hyakumonogatari kaidankai ou somente Hyakumonogatari. Foi durante a era Edo que se iniciou este hábito, que tinha como finalidade, o entretenimento.

Este tipo de evento, de acordo com a explicação de Higashi Masao, consiste em um número de pessoas se agruparem num determinado lugar para um torneio de contar e ouvir narrativas kaidan durante uma noite inteira. No local onde o evento é realizado são colocadas cem lanternas de papel (tôshin) e, à medida que cada participante conta uma história, uma das fontes de luz é apagada, sendo que, ao fim da centésima narrativa, a última chama de luz se extingue e tudo ao redor torna-se plena escuridão.

Exemplo de Kaidan:

A menina da fenda. No Japão, muitos acreditam que casas velhas, abandonadas ou que possuam alguma rachadura, abrigam o espírito maligno de uma garota de aparência muito branca, cabelos negros e olhos amarelos. Conta a lenda que a garota espera por alguma pessoa para brincar...

...mas, na realidade, ela aguarda que alguém a olhe nos olhos... para que possa agarrar a pessoa e levar para outro lugar...sinistro...



O povo sumeriano e/ou babilônico possuía uma vasta coleção de crenças. Não somente as que trouxera de sua terra natal, Ur dos caldeus mas, talvez, centenas delas. Colecionava junto com os povos que conquistava, suas divindades. Babilônia era conhecida como a cidade dos mil deuses.

Beltesazar, é então eleito o personagem principal de **nossa história de fantasmas.**

A história do banquete de Belsazar é um **Kaidan dentro das Escrituras**, um conto fantástico, sobrenatural onde o maravilhoso é abundante. Sendo mais assustador do que tudo que já aconteceu no mundo. Porque não é um conto fantástico somente. É uma operação angelical, um milagre, um prodígio maravilhoso, uma manifestação do Espírito de Deus no mundo DE FORMA FISICA. É UM EVENTO ATERRADOR, justamente porque não é uma história, é um EVENTO TESTEMUNHADO. É o Kaidan dos Kaidans.

Os leitores das Escrituras estão decerto acostumados a eventos sobrenaturais, porque nela habitam profetas. O evento nesse caso é assustador, porque não existem profetas envolvidos na cena fantástica. Ela ocorre em meio a uma festa pagã, em meio a atos de idolatria, com um grupo de gente praticando heresias, tratando com desrespeito os objetos mais sagrados da terra. Estão bebendo vinho, dançando, brincando, realizando uma festa que tinha tudo para se tornar um bacanal, onde concubinas se misturam a dançarinas e princesas, num gigantesco salão do palácio central de babilônia. O ato de bebedeira é coroado pela irreverência quando não satisfeito em brincar com centenas de convidados, numa algazarra e licenciosidade sem par, Beltesazar ainda pede para trazerem dos tesouros reais taças e objetos que sabia muito bem que pertencera a divindade que transformara seu avô numa "besta". A entidade sobrenatural representada por aqueles objetos havia tratado com arrogância de seu avô que imaginando-se um deus na terra, enlouquecera por cerca de 12 anos. Quando finalmente voltou a si, Nabucodonosor havia feito o mais excelso dos decretos, concedendo aquela deidade em especial, Deus de Daniel, dos judeus, o Deus de Sadraque, Mesaque e Abdenago, o status de divindade superior a todas as outras.

O PANO DE FUNDO RELIGIOSO PARA O BANQUETE DE BELSAZAR

Era comemorado o Akitu, ano novo babilônico, que era também a festa de consagração do rei. Ele era realizado nos primeiros dias da passagem de ano e, tinha funções agrícolas ligadas às colheitas e religiosas, provenientes da concepção de seus deuses. Posteriormente, essas festividades também adquiriram características administrativas, não apenas de gerenciamento de bens e valores, mas, inclusive, como forma de **contabilidade divina**. E, como **forma de contagem e nomeação dos anos**, quando foram utilizados, em geral, os títulos existentes nos nomes dos deuses (kind-Inana ou kin Inana = mês de Inanna), em alguns casos, sufixos dos nomes dos reis (ezem- Sulgi = o mês do festival de Sulgi) ou dos templos. Diante disso, Francisco Caramelo (2006, p. 130) aponta o primeiro mês – nisannu – como sendo o mais importante no calendário litúrgico, pois em seu decorrer era celebrado esse festival do Ano Novo (Akitu). O festival de Akitu, que corresponde a Zagmuk em sumério, tem sua derivação do acádio zagmukku. Era uma comemoração de Ano Novo com natureza político-

religiosa que acontecia no primeiro mês do ano, denominado de nisannu (março-abril), e, de acordo com o calendário babilônico, correspondia ao período no qual se efetuava a última irrigação e, em seguida, partia-se para a colheita nos campos.

Os registros indicam seu início no III milênio a.C., tendo a cidade de Ur como ponto de criação. O festival passou gradativamente a compor o calendário cultural da maioria das cidades mesopotâmicas, com variações em torno das datas de sua realização, sendo que em Ur ocorria no início do primeiro mês e do sétimo. Em Nippur e Acad, era realizado na lua cheia do quarto e do décimo segundo mês; já em Uruk, no oitavo mês (COHEN, 1993, p. 15).

Remontando ao período pré-sargônico e de Ur III (2350-2100), a solenização ganhou mais proeminência nos períodos neoassírio e neobabilônico, quando atingiu doze dias de duração; nessas temporalidades, as fontes reais, templárias e comerciais são menos lacunares, mais sequenciais e reveladoras. Estas enunciam mais detalhes da comemoração, ou seja, os procedimentos a serem adotados, rituais, horários de louvores e atividades que deveriam ser realizadas sob a direção dos templos, orações e hinos proferidos em honra aos deuses. Materiais de caráter arqueológico são provenientes de várias localidades, tais como Uruk, Nínive, Nippur e Drehem. O nome a-ki-tu conferido ao festival está relacionado a uma construção especial, a casa-akitu, edificada num local elevado e fora dos portões da cidade, numa espécie de ilha, pois, para alcançá-la, era necessário utilizar uma embarcação própria, como as que foram empregadas em Ur e Uruk. Ademais, na Babilônia, a transposição desse caminho fazia parte dos rituais comemorativos, uma vez que se realizava um cortejo processional fluvial com barcas, como relata Mark Cohen (2003, p. 145).



RUINAS DE BABILONIA

Na Babilônia, eram dois os espaços territoriais em que as comemorações se centralizavam: nos primeiros dias ocorriam no templo de Esagila (em sumério, É.SAG.ÍL, cujo significado remete a “templo de teto alto”) e, posteriormente, na capela de bit Akiti. O primeiro, portador de uma arquitetura original e localizado ao sul do zigurate Etemenanki, era dedicado ao deus protetor da Babilônia, Marduk, e sua consorte Sarpanitu/Ishitar, e pode ser identificado como um dos mais importantes templos dessa localidade, porque representava a montanha cósmica que ligava o céu à terra e também o lugar em que o deus estava cativo (CARAMELO, 2005, p.159(b)).

O Zigurate é uma construção arquitetônica de carácter religioso que combina um templo com uma torre, edificado na Mesopotâmia Antiga entre o 4.º milênio a. C. e o século VII a. C. Este tipo de construção, apresenta algumas semelhanças com as pirâmides egípcias e era composto por fiadas de tijolos dispostos de forma a construir um conjunto de degraus, que conduziam a um templo erigido no topo do edifício.



(reconstrução ARTÍSTICA DE UM ZIGURATE)

O Zigurate mais famoso de todos é o de Etemenanki, popularmente identificado como a Torre de Babel, que vem descrito no Antigo Testamento da Bíblia. O Templo de Marduk na Babilónia foi reconstruído pelo rei Nabucodonosor II e pelo seu pai Nabopolassar, no século VII a. C. As maiores ruínas são as de Elamite, um zigurate erigido em Choga Zambil, no século XIII a. C., que apresenta uma base de 102 metros quadrados. As ruínas mais bem conservadas são as do Zigurate de Nanna, em Ur, construído por UrNammu, que reinou entre 2113 e 2095 a. C



Etemenanki – RUÍNAS EM BABILONIA

Para Cohen, estudioso, a razão para a escolha desse lugar como parte integrante do conjunto festivo era que ele se fazia necessário para que os deuses pudessem fazer sua volta triunfal na cidade, na medida em que, no seio dessa sociedade, os presságios e as decisões importantes aconteciam nos espaços templários. Inclusive, essa construção era uma morada temporária do deus tutelar da cidade, cujo regresso deveria ser comemorado com grande pompa e visibilidade.

A capela de bit Akiti, segundo espaço sagrado utilizado para as lembranças, tanto no plano dos significados quanto das ações, se ascendia como palco quando recebia um novo momento do festival, instante em que o cortejo processional chegava. Essa edificação situava-se na parte externa das muralhas, cerca de duzentos metros fora da cidade, e estava rodeada por amplos e belos jardins, tendo relevância o seu caráter religioso: as árvores, os arbustos e as flores plantados em lugares estratégicos simbolizavam a vitória sobre o caos e a renovação da natureza, manifestação clara da presença e ação dos deuses da fecundidade. Os pórticos também eram elemento majestoso de sua arquitetura, muito embora esse estilo de estrutura tivesse sido pouco utilizado nos templos mesopotâmicos; finalmente, a "cella" se estendia por toda a largura da parte de trás e media, aproximadamente, 25 x 100 metros.

Nos primeiros dias da solenização no Esagila, havia a necessidade de atualizar, perante os seres superiores, os rituais de purificação e obrigações, tanto do lugar quanto das pessoas que conduziram as etapas do evento. Era pelas mãos dos

sacerdotes e sacerdotisas que a preparação acontecia, no intuito de combater as influências adversas envoltas de mistério, as quais buscavam afugentar o clima sombrio que predominava no imaginário coletivo diante das incertezas perante o futuro, já que, até então, não havia a sinalização da resposta por parte dos céus de que as benesses solicitadas seriam alcançadas, referência essa que viria somente no final do ciclo festivo.

Diante disso, o luto e a desolação pairavam no ar, sendo esse o estado de espírito dos primeiros dias das celebrações. Como forma de agradar os deuses para a manifestação de sua potência, e antes do amanhecer do segundo dia festivo, uma pré-dica do Kyrie Eleison, intitulada Segredo de Esagila, era entoada. Dizia:

Senhor sem par na tua ira, Senhor, gracioso rei, senhor das terras, Quem fez a salvação para os grandes deuses, Senhor, que joga para baixo o forte por seu olhar, Senhor dos reis, luz dos homens, que distribuem destinos, Ó Senhor, Babilônia é teu assento, Borsippa tua coroa Os céus largos são eles corpo

Dentro de teus braços tu tomas o forte ... A teu olhar lhes concedes graça,

Façam com que vejam luz para que proclamem o vosso poder. Senhor das terras, luz do Igigi, que pronunciastes bênçãos; Quem não proclamaria teu, sim, teu poder

Não falaria de tua majestade, louvado teu domínio? Senhor das terras, que vivem em Eudul, que tomam os caídos pela mão; Tem piedade da tua cidade, Babilônia

Volta o teu rosto para Esagila, o teu templo

Dá liberdade aos que habitam em Babilônia, os teus alas!

(LISHTAR, s/d, p. 3)

Outro momento melodioso acontecia na noite do quarto dia do festival, também com o objetivo de que os deuses olhassem para aquela direção, quando o texto mitológico e religioso fundamental da civilização mesopotâmica era recitado, o Enuma Elish. Este, que adquiria a dimensão de um drama religioso e vinculava a instituição da realeza com o mundo divino, mostrava a luta de Marduk contra a deusa Tiamet e remetia-se à disputa de dois princípios antagônicos: **a ordem e o caos**, situações essas que se faziam presentes nesse momento no imaginário dos integrantes dessa sociedade, sendo que, no final, somente um deles prevaleceria. Em relação a esse aspecto dual do mito, assim descreve o autor:

Marduk encontrava-se, durante os primeiros dias do ciclo ritual, aprisionado no mundo inferior, convivendo com a morte e com o caos e a evocação do Enuma

Elish, provavelmente através da sua recitação ou até, quiçá, da sua representação mística, recordava a sua vitória primordial sobre Tiamat. Numa fase mais avançada do ciclo, o deus era libertado e regressava ao mundo dos vivos, registrando-se, por conseguinte, uma associação clara entre este acontecimento e o início do novo ano. Contudo, no dia seguinte, os acontecimentos centravam-se na figura do rei, quando ele tornava-se o protagonista do rito e do mistério, pois uma das suas funções era impedir, de todas as formas, que o caos e a desordem se fizessem presentes em seus domínios; daí a necessidade do estabelecimento de uma ordem divina por sua intermediação. Era o momento de sua expiação, sendo que, com a sequência de atos e de rituais por ele representada, revificava e restabelecia uma relação construída anteriormente entre os homens e seus deuses que, conseqüentemente, deveria perdurar, pois somente ele era o detentor do poder e, ao mesmo tempo, o ponto de contato que fazia a comunicação com a dimensão transcendental, a materialidade e a manifestação do mistério para se ir além do que era visível.

Tendo consciência do mito ora representado, devido ao seu conteúdo significativo que remete a uma ordem estabelecida, ainda no período da manhã e antes de iniciar a cerimônia que contava apenas com os protagonistas, já que era fechada, o templo era totalmente purificado, e o sumo-sacerdote responsável por tal procedimento pronunciava orações de apaziguamento e penitência a Marduk, identificado como o regente de todos os deuses e um "ser" manifestado nos corpos celestes. Isso pode ser observado em uma das orações:

A estrela branca (Júpiter), que traz presságios ao mundo, é meu senhor, Meu senhor esteja em paz!

A estrela Gud (Mercúrio), que provoca chuva, é meu senhor; Meu senhor esteja em paz!

A estrela Gena (Saturno), estrela da lei e da ordem, é meu senhor; Meu senhor esteja em paz! (LISHTAR, s/d, p. 2)

A partir daí abria-se espaço para brindar a divindade com oferendas (pacotes de juncos, figos, ovelhas, cabras, cerveja) e encantamentos e, sem demora, o monarca era levado ao campo sagrado escoltado por sacerdotes que o encaminhavam até o sanctus sanctorum – área mais reservada do complexo templário na qual se encontrava a estátua de Marduk –, para, depois, ser deixado a sós com seu deus. Porém, antes de sair, o religioso o despojava das insígnias reais – cetro, cimitarra, coroa e anel –, objetos carregados de sentido nessa relação, e as tomava para si temporariamente, para, depois, depositá-las próximas da imagem da divindade.

Uma vez desprovido de sua realeza, o governante devia ficar um tempo prostrado diante dos pés da deidade e, ajoelhado, orava e clamava pelo perdão divino, ao mesmo tempo que fazia a promessa de não negligenciar suas obrigações reais para com seu povo. Também pronunciava uma confissão:

Eu não falhei, senhor destas terras, eu não fui negligente em relação a ti majestade; não fiz mal à Babilônia. Eu não ordenei a sua destruição, eu não fiz o tremor de Esagila, nem negligenciei os seus ritos. Não feri as pessoas que estão sob tua proteção, eu não fiz nada que o tornasse sujeito a zombaria. Eu cuidei de Babilônia, não destruí seus muros! (FARBER 1987, p. 215)

Enquanto de joelhos, proferia uma declaração de inocência e, nesse momento da recitação penitencial, estabeleciam-se os deveres do soberano babilônico, que deveria ser respeitoso para com os deuses, bem como ser o pastor cuidadoso do seu reino. Além disso, ele devia declarar uma lista de promessas. Essa fase ritualística se apresentava como condição da dependência do rei; minutos depois, o sacerdote retornava a sua presença e referendava o que havia sido realizado até então, dando início à outra etapa da cerimônia.

A humilhação que o monarca passava durante esse rito servia para uma dupla finalidade: a primeira, a partir do momento em que lhe eram retiradas suas insígnias, para ele ser visto como mais um mero mortal dentre os demais; e a segunda, para mostrar que o seu destino dependia dos deuses poderosos e de seus humildes servos.

Dessa maneira, o sacerdote continuava como o condutor do ofício e a dimensão performativa do ato era, novamente, evidente. O rei e o religioso contracenam, representando um ato decisivo e pleno de significado, sendo que o segundo representa Marduk, e o primeiro expia as suas faltas. O sumo-sacerdote incita-o a ter confiança e garante-lhe que o deus escutará sua prece – nesse caso, fundamentalmente, está em causa a comunicação entre o deus e o seu eleito. Quanto a essa relação que se estabelece entre as partes, Caramelo afirma que:

Ao primeiro, corresponde uma lógica profética, de promessa, e ao segundo, a oração, que é a petição dirigida à divindade. Com este ato, o rei penitenciava-se e confessava-se em seu nome e em nome da comunidade. Redimia-se a si e à comunidade que representava. Confirmando-se a reconciliação, o deus promovia a renovação do seu poder e de sua missão real. (CAMELO, 2005, p. 158(b))

Em seguida, a face do soberano era golpeada o mais forte possível pelo clérigo, que, com a mão aberta, cumpria a sua obrigação, visto que lágrimas deveriam verter dos olhos daquele que se submetia ao ritual. A batida tinha que ser decisiva e poderosa, porque, segundo a tradição, o choro devia fluir com indignação,

evidenciando o presságio positivo que iria garantir o sucesso futuro do rei e a prosperidade do reino.

Segundo Caramelo (2005, p. 158), um fluxo constante de lágrimas era um presságio da vontade da divindade, que, além de assegurar o sucesso futuro do monarca e a prosperidade do reino, o fazia também em relação ao religioso e às pessoas, sendo que, após o choro, ao rei era devolvida a coroa e toda a sua majestade. O tapa, além de ser um meio que ultrapassava a questão do gestual, representava a aprovação dos deuses e se direcionava à dimensão de duradouro, visto que era empregado para também lembrar ao soberano a necessidade de ser humilde e manter o foco em seus deveres e obrigações para com seu povo e deuses. Encerrada essa parte, o monarca se paramentava novamente com suas vestes e símbolos do poder real, haja vista que, por sua penitência e confissão, o rei se purificou da mancha de pecados passados, limpando assim também a comunidade, tornando-se apto a officiar nos ritos seguintes. Também está claro que sua investidura renovada com a insígnia da realeza significou uma renovação da monarquia e do vínculo com os deuses e a comunidade que encarnou. (LÓPEZ; SANMARTIN, 1993, p. 76)

Em contrapartida, Marduk conseguia sua libertação de Tiamet, auxiliado por Nabu, o qual conseguia se sobrepor aos demais deuses que estavam reunidos, representados por suas estátuas na "sala dos destinos", no interior do templo de Ubshu-Ukkina. Para isso acontecer, o rei comparecia à cerimônia e implorava aos membros dessa assembleia que os mesmos se submetessem, apoiassem e honrassem o maior de todos os deuses, considerado o único e o maior em sua posição. Depois da concordância, **todo o poder era colocado em suas mãos**, e essa foi a primeira determinação do destino de Marduk, cuja narração faz parte do Enuma Elish. De acordo com esse texto, o homem foi criado pelos deuses, uma vez que as divindades são criadoras de tudo e de todos e lhes são dados poder e autoridade para gerenciamento do mundo terreno.

A contar desse momento, o soberano recebia autorização para iniciar a procissão que conduziria a figura de Marduk até a capela de bit Akiti, passando agora à condição de condutor de todo o cerimonial. Era a representação de mistérios que se fazia presente quando o rei assumia o lugar de destaque no séquito, juntamente com as imagens representativas do deus local e de alguns dos demais deuses. De agora em diante, deveria se instalar a esperança entre os homens que substituiria o desespero que pairava no seio dessa sociedade diante das incertezas do futuro que se projetava até então, pois o "deus dos deuses" havia recuperado o seu lugar, após libertar-se da prisão a que ficara acometido temporariamente. Os devotos acompanhavam a procissão de regresso do deus (representado por sua estátua), que ocupava seu lugar de destaque na cidade novamente, protegendo-a. Outros deuses também compunham o cortejo da divindade patrona, para testemunhar o seu regresso ao seu devido lugar. Nessa

etapa da festividade, o povo participava ativamente, entoando lamentações ritualísticas, e alguns hinos refletiam o sentimento religioso, com a invocação de piedade, pressupondo a relação íntima entre o deus e a cidade.

Quando chegavam ao local santo, o deus, representado pelo sacerdote, dirigia-se ao soberano e a sua cidade sagrada, para que a bênção se efetivasse; esta era aguardada por todos ansiosamente, quando era proferida a fala: "Se você cuidar da minha majestade e proteger o meu povo, o ano que começa agora será um ano de Abundância para Babilônia!" (FARBER, 1987, p. 226).

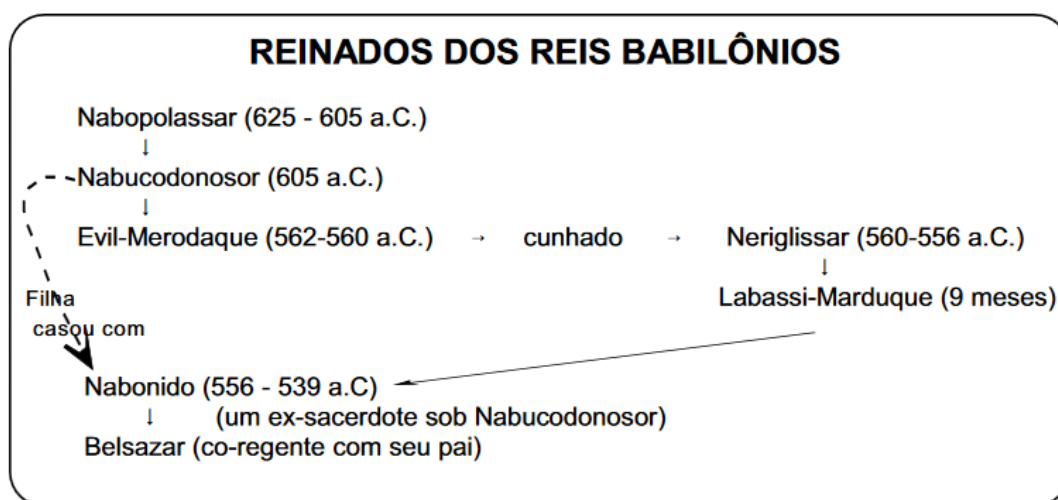
Tal feito simbolizava a participação da comunidade na vitória que estava ocorrendo na natureza e renovava a destruição do caos por Marduk; também representava que o Ano Novo se iniciava de maneira favorável.

No dia seguinte, décimo dia festivo, com a chegada da deidade, era realizado um banquete, com músicas, danças, bebidas e comidas em abundância, para celebrar a vitória dos deuses do alto e do submundo e, em seguida, regressava-se à Babilônia (ao templo de Esagila) para que o **hierogamos** (sexo sagrado) fosse executado, ainda na mesma noite. Nessa cerimônia, o rei e uma alta sacerdotisa assumiam, respectivamente, o papel de Marduk ou de Dumuzi, divindade associada à fertilidade, e da deusa lunar Innana/Ishtar, identificada com a fecundidade e com o amor, sendo esse ato a condição primordial para a perpetuação e a criação da vida. Dessa maneira, a renovação da natureza na Primavera, no Ano Novo, foi concebida como o casamento da deusa com o deus libertado. Sua união ocorreu nos templos, e a mudança na natureza e o ritual do templo constituíram a União Divina, sendo os dois eventos inseparáveis e equivalentes. O rei foi então feito o Divino Esposo, e a Alta Sacerdotisa como seu Divino Consorte, a Deusa encarnada. (CAMELO, 2006, p. 37) Esse momento ficou registrado no poema chamado a alegria do verão— o rito do casamento sagrado e só poderia acontecer quando a harmonia e a ordem fossem restauradas, visto que, a partir de então, o amor e a fertilidade poderiam retornar à terra em todos os níveis e esferas. Assim, se, por um lado o envolvimento do monarca significava o seu empenho e a sua responsabilidade no equilíbrio natural do mundo e na sua desejável renovação e regeneração fecunda, por outro, ele se traduzia igualmente na afirmação da sua legitimidade político-religiosa, uma vez que Inanna/Ishtar lhe manifestava o seu amor e favorecimento. A prosperidade do reino somente era decretada numa assembleia divina, que se efetivava somente no décimo primeiro dia, quando os deuses, reunidos, faziam tal determinação. No seguinte, iniciava-se o regresso aos templos, com o encerramento das comemorações. Cumpria-se, desse modo, mais um ciclo na vida dos mesopotâmios que seria renovado novamente no próximo ano, quando o festival mais uma vez seria empreendido. (textos extraídos trabalhos de Maura Regina Petruski & Simone Aparecida Dupla)

Esses ritos todos aconteciam em vários espaços sagrados, muitos dos quais estavam inacessíveis na época do cerco medo-persa a cidade de Babilônia. Todos os eventos externos tiveram que ser repensados para serem realizados dentro dos muros. Tendo em vista o exagero de Belsazar, que convidou basicamente a TODOS OS NOBRES da cidadela, contando com amigos e familiares, cerca de 3000 moradores da cidade estavam DENTRO do palácio na festa de consagração.

O PANO DE FUNDO POLITICO

Os medo persas estavam em luta contra Babilônia por muitos anos. Nabonido, era um sumo-sacerdote que se casara com uma das filhas do grande rei Nabucodonosor. Dessa união nasceu Belsazar.



Tabletes de argila têm sido descobertos referindo-se a Belsazar como filho de Nabonido. Isto faria de Belsazar o neto de Nabucodonosor, uma vez que Nabonido foi casado com sua filha. Era muito comum nos dias da Bíblia que um neto ou mesmo bisneto se referisse a um membro ilustre de sua linhagem como "pai" (5:2,11,13,18,22).

Depois da morte de Nabucodonosor (562 a.C.) o império babilônio experimentou um rápido declínio. Seu filho, Evil-Merodaque (2 Reis 25:27) ascendeu ao trono mas governou durante pouco tempo (562 - 560 a.C.). Neriglissar, um cunhado, assassinou Evil-Merodaque e então reinou durante quatro anos (560 - 556 a.C.) quando ele, também, foi assassinado. Labassi-Marduque tornou-se o cabeça durante nove meses; foi deposto pelo partido sacerdotal, e Nabonido, um ex-sacerdote babilônio sob Nabucodonosor, foi nomeado rei do império.

Nabonido reinou durante dezessete anos (556 - 539 a.C.). Próximo do fim do seu reinado, ele fez de seu filho primogênito, Belsazar, co-regente. Obviamente, Belsazar era o governante número dois do império e isto explica porque ele

ofereceu fazer de Daniel o "terceiro no governo" (5:16,29). Evidentemente, Nabonido esteve longe da Babilônia neste tempo.

O DIA EM QUE O MUNDO ACABOU

Temos, de Heródoto de Halicarnasso, um relato detalhado de como tudo aconteceu.

Ciro (entenda-se aqui o próprio rei e seu estado-maior) constatou que, nas cercanias da cidade, havia um velho lago (já usado do passado) e que estava praticamente seco. Assim, colocou seus melhores soldados, que dividiu em dois grupos, perto de onde o Eufrates entrava em Babilônia e perto de onde saía. Depois, determinou que os sapadores construíssem um canal que, ligando o Eufrates ao lago, permitisse um desvio das águas, de modo que o nível do rio baixasse o suficiente para ser atravessado por forças pedestres. Quando os soldados, aguardando em seus postos, viram que a água havia baixado, entraram no leito do rio e passaram para dentro da cidade. Ao que tudo indica, era noite quando essa manobra se verificou. Porém o curso do Eufrates, mesmo dentro de Babilônia, era muito bem protegido. Altos muros margeavam o rio, e o acesso a ele se fazia por enormes portões que eram, habitualmente, fechados durante as horas da noite. Desse modo, aponta Heródoto, teria sido fácil aos babilônios promover um verdadeiro massacre de persas, se tão somente tivessem, postados no alto dos muros, encontrado um aprazível entretenimento em assetear os invasores. Mas isso não aconteceu, e por um motivo que fez toda a diferença nessa história. Naquela data estavam os babilônios, tanto os poderosos como a gente comum, comemorando uma de suas festas religiosas e, seja por descuido, seja por excesso de confiança, ninguém se lembrou de fechar os portões que davam acesso ao rio, mesmo sabendo que inimigos andavam por perto. Os persas, entrando sorrateiramente, já haviam tomado o controle da periferia da grande metrópole, enquanto os moradores da região central, bem como a elite dominante, envolvidos na festança, nem faziam ideia do que se passava. Era 539 a.C., chegava ao fim a hegemonia babilônica

O PANO DE FUNDO PROFÉTICO

Naquela noite de 539 a.C. Belsazar foi morto e a Babilônia caiu sob os medos e os persas. Este foi um cumprimento de profecia, não somente de Daniel, mas também daquilo que Isaías tinha falado 175 anos antes (Isaías capítulos 13; 14; 21; 47). Uma vitória tão fácil para os medos e os persas parecia impossível, porque a cidade da Babilônia era circundada por uma muralha de 105 metros de altura por 26 metros de espessura (6 carros de guerra podiam percorrê-la emparelhados). Contudo, Ciro arquitetou uma brilhante estratégia militar. O rio Eufrates corria através da cidade, mas a base da muralha estava mergulhada na superfície da água. Ciro foi rio acima alguma distância e desviou a água para um lago artificial que drenou o leito do rio de modo que seu exército pôde marchar

para dentro da cidade. Uma vez dentro dela, o exército ainda enfrentava as muralhas ao longo de cada margem do rio, mas talvez porque a festa de Belsazar estivesse acontecendo, os portões estavam abertos. Como poderia alguém, a não ser que estivesse inspirado, imaginar o nome do rei invasor, ou que as portas estariam abertas? Isaías profetizou as duas coisas 175 anos antes que acontecessem

(Isaías 45:1-5).



Ruínas da antiga Babilônia



A antiga Babilônia já foi a potência mundial dominante e tem sido chamada de "centro político, religioso e cultural do Oriente antigo". Por volta de 732 AEC, o profeta Isaías escreveu uma profecia funesta: Babilônia cairia. Isaías deu detalhes específicos: ela seria conquistada por um líder chamado "Ciro", as águas protetoras do Eufrates 'secariam' e os portões da cidade 'não seriam fechados'. (Isaías 44:27-45:3) Uns 200 anos mais tarde, em 5 de outubro de 539 AEC, a profecia se cumpriu em todos os detalhes. O historiador grego Heródoto (quinto século AEC) confirmou o modo como Babilônia caiu.

A identificação exata de Dario, o Medo, é discutível; contudo, os mais fortes argumentos parecem ser que ele se ajusta à descrição de um homem referido comumente em vários textos cuneiformes do sexto século a.C. com o nome de "Gubaru". Definitivamente, ele não deverá ser confundido com Dario, o Grande, que mais tarde dominou a Pérsia (521-486 a.C.). Ciro, o Grande, foi o governador universal deste novo império que é freqüentemente chamado o Império Persa. Contudo, Ciro indicou Dario para ser o governador sobre a província da Caldéia

A FESTA DE BELSAZAR

Daniel 5

¹ Certa vez o rei Belsazar deu um grande banquete para mil dos seus nobres, e eles beberam muito vinho.

² Enquanto Belsazar bebia vinho, deu ordens para trazerem as taças de ouro e de prata que o seu predecessor, Nabucodonosor, tinha tomado do templo de Jerusalém, para que o rei e os seus nobres, as suas mulheres e as suas concubinas bebessem nessas taças.

³ Então trouxeram as taças de ouro que tinham sido tomadas do templo de Deus em Jerusalém; e o rei e os seus nobres, as suas mulheres e as suas concubinas, beberam nas taças.

⁴ Enquanto bebiam o vinho, louvaram os deuses de ouro, de prata, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra.

⁵ Mas, de repente apareceram dedos de mão humana que começaram a escrever no reboco da parede, da parte mais iluminada do palácio real. O rei observou a mão enquanto ela escrevia.

⁶ Seu rosto ficou pálido, e ele ficou tão assustado que os seus joelhos batiam e as suas pernas vacilaram.

⁷ Aos gritos, o rei mandou chamar os encantadores, os astrólogos e os adivinhos e disse a esses sábios da Babilônia: "Aquele que ler essa inscrição e interpretá-la, revelando-me o seu significado, vestirá um manto vermelho, terá uma corrente de ouro no pescoço, e será o terceiro em importância no governo do reino".

⁸ Todos os sábios do rei vieram, **mas não conseguiram ler a inscrição nem dizer ao rei o seu significado.**

⁹ Diante disso o rei Belsazar ficou ainda mais aterrorizado e o seu rosto, mais pálido. **Seus nobres estavam alarmados.**

¹⁰ E tendo a rainha, ouvido **os gritos do rei e de seus nobres**, entrou na sala do banquete e disse: "Ó rei, vive para sempre! Não fiques assustado nem tão pálido!

¹¹ Existe um homem em teu reino que possui **o espírito dos santos deuses**. Na época do teu predecessor verificou-se que ele tinha percepção, **inteligência e sabedoria como a dos deuses**. O rei Nabucodonosor, teu predecessor, sim, teu predecessor, o rei, o nomeou chefe dos magos, dos encantadores, dos astrólogos e dos adivinhos.

¹² Verificou-se que esse homem, Daniel, a quem o rei dera o nome de Beltessazar, tinha inteligência extraordinária e também a capacidade de interpretar sonhos e resolver enigmas e mistérios. **Manda chamar Daniel, e ele te dará o significado da escrita**".

¹³ Assim Daniel foi levado à presença do rei, que lhe disse: "Você é Daniel, um dos exilados que meu pai, o rei, trouxe de Judá?

¹⁴ Soube que o espírito dos deuses está em você e que você possui percepção, inteligência e uma sabedoria fora do comum.

¹⁵ Trouxeram os sábios e os encantadores à minha presença para lerem essa inscrição e me dizerem o seu significado, eles porém não conseguiram.

¹⁶ Mas eu soube que você é capaz de dar interpretações e de resolver mistérios. Se você puder ler essa inscrição e dar-me o seu significado, você será vestido de vermelho e terá uma corrente de ouro no pescoço, e se tornará o terceiro em importância no governo do reino".

¹⁷ Então Daniel respondeu ao rei: "Podes guardar os teus presentes para ti mesmo e dar as tuas recompensas a algum outro. **No entanto, eu lerei a inscrição para o rei e lhe direi o seu significado.**

¹⁸ "Ó rei, foi a Nabucodonosor, teu predecessor que o Deus Altíssimo deu soberania, grandeza, glória e majestade.

¹⁹ Devido à alta posição que lhe concedeu, homens de todas as nações, povos e línguas tremiam diante dele e o temiam. A quem o rei queria matar, matava; a quem queria poupar, poupava; a quem queria promover, promovia; e a quem queria humilhar, humilhava.

²⁰ Mas, quando o seu coração se tornou arrogante e endurecido por causa do orgulho, ele foi deposto de seu trono real e despojado da sua glória.

²¹ Foi expulso do meio dos homens e sua mente ficou como a de um animal; ele passou a viver com os jumentos selvagens e a comer capim como os bois; e o seu corpo se molhava com o orvalho do céu, até reconhecer que o Deus Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e coloca no poder a quem ele quer.

²² "Mas tu, **Belsazar, seu sucessor, não te humilhaste, embora soubesses de tudo isso.**

²³ Pelo contrário, **tu te exaltaste acima do Senhor dos céus.** Mandaste trazer as taças do templo do Senhor para que nelas bebessem tu, os teus nobres, as tuas mulheres e as tuas concubinas. **Louvaste os deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não podem ver nem ouvir nem entender. Mas não glorificaste o Deus que sustenta em suas mãos a tua vida e todos os teus caminhos.**

²⁴ Por isso **ele enviou a mão que escreveu as palavras da inscrição.**

²⁵ "Esta é a inscrição que foi feita: MENE, MENE, TEQUEL, PARSIM.

²⁶ "E este é o significado dessas palavras: Mene: **Deus contou os dias do teu reinado e determinou o seu fim.**

²⁷ Tequel: **Pesado foste na balança e achado em falta.**

²⁸ Peres: **Teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas".**

²⁹ Então, por ordem de Belsazar, vestiram Daniel com um manto vermelho, puseram-lhe uma corrente de ouro no pescoço, e o proclamaram o terceiro em importância no governo do reino.

³⁰ Naquela mesma noite Belsazar, rei dos babilônios, foi morto,

³¹ e Dario, o medo, apoderou-se do reino, com a idade de sessenta e dois anos.

As palavras Mene, Mene Tequel Upharsim, escritas em aramaico, e usando escrita cursiva na direção de escrita normal oriental (da direita para a esquerda e horizontalmente), teria a seguinte aparência:

The image shows the Aramaic script for the words 'Mene Mene Tequel Upharsim' written from right to left. The characters are in a cursive style, typical of ancient Aramaic inscriptions.

Aramaic	Noun	Verb
מנא	A "mina" – 60 gold shekels equal 1 mina	"m ^ē nā" To number
תקל	Aramaic spelling of a "shekel" – 1/60 th of a mina	"t ^ē kāl" To weigh
פרסיין	Plural form of פרס Half-minas	
פרס	"p ^ā rēs" = half-mina "pārās" = Persia	"p ^ā rās" To break apart

As palavras foram escritas em aramaico, a língua principal dos babilônicos. Elas foram transliteradas em hebraico, ou escritas com a grafia hebraica em nossas bíblias. MENE – contou, TEQUEL – pesou e UPHARSIM ou PERES – divisão, que era uma palavra que em aramaico designava a PERSIA – REINO DIVIDIDO - Tomados como substantivos, eles indicaram uma série de pesos ou unidades de dinheiro da época. O dinheiro da antiguidade era PESADO em ouro e prata. O peso ditava o VALOR da moeda. As unidades de peso eram medidas através de padrões esculpidos em diversos materiais.

DANIEL vê os termos como unidades de medida babilônica. Ele lê na parede uma fórmula. Contar, Pesar, Dividir.

Um comerciante leria "pegue uma MINA, **pese** e divida." Ou pese 60 shekels e dívida.

Daniel dá a interpretação que os dias do reinado de Belsazar foram "numerados, e chegou ao final dessa conta", que ele tinha sido "pesado na balança e encontrado falta ", e que por fim seu reino seria "dividido e dado aos medos e aos persas". Naquela mesma noite, conforme previsto, os persas conquistam a Babilônia.

A mina (também mēnē, aramaico; hebraico: מנה) [a] é uma antiga unidade de peso do Oriente Próximo, que foi dividida em 50 shekels. A mina, como o shekel, também era uma unidade monetária. Na Grécia antiga, originalmente era igual a 70 dracmas e depois foi aumentada para 100 dracmas. A palavra grega mna (μνᾶ) foi emprestada ao semita; compare o hebraico māneh, o aramaico mēnē, o siríaco manyā, o ugarítico mn e o acadiano manū. No entanto, antes de ser usada como moeda, uma mina era uma unidade de medida igual a 1,25 libras (0,57 kg). Desde os primeiros tempos sumérios, uma mina era uma unidade de peso. No início, talentos e shekels ainda não tinham sido introduzidos. Na época de Ur-Nammu, a mina tinha um valor de 1/60 talentos e 60 shekels. O valor da mina é calculado em 1,25 libras (0,57 kg). Evidências de Ugarit indicam que uma mina equivalia a cinquenta shekels. O profeta Ezequiel refere-se a uma mina ('maneh' na versão King James) como sessenta shekels, no livro de Ezequiel 45:12. Jesus contará no futuro a "parábola das **minas**" em Lucas 19: 11-27, que é **a unidade de medida lida na escritura feita na PAREDE de modo sobrenatural.**

Dario o medo produziu grandes pedras (vistas abaixo) com suas inscrições reais /oficiais **para certificar que a pedra era do peso exato para uma determinada medida.** Sabe-se que várias destas pedras, cada uma com um peso oficial diferente, existem e foram escavadas através da arqueologia e estão hoje em museus. A unidade básica do sistema de peso de Dario (521-486BC) foi o **karšâ** (83,30 gramas). O **karšâ pesa mais ou menos ½ de 1 MINA - 83 gramas).**

Persian Weight Stones of King Darius 521-486 BC



1 karšâ = 83.30 grams = 10 Gold Darics
6 karšâ = 1 Babylonian Shekel

Known Persian Weight Stones:
2 karsa = 166.60 grams
120 karsa = 99.96 kg
60 karsa = 59.98 kg (pictured left)

"60 karšayâ
I am Darius,
the great king,
king of kings,
king of all nations,
king of this earth,
the son of Hystaspes,
the Achaemenid."
(inscription on DWd
diorite weight from the
Treasury of Persepolis)

www.bible.ca/coins

Quando assumiu o trono DARIO também estipulou um padrão. Que pesava mais ou menos 30 Minas. Padrões são os instrumentos, objetos, pesos, medidas aos quais você compara um peso, objeto, medida. Se você diz que algo pesa 1 kg, você o pesa numa balança com um peso de 1 kg padrão do outro lado, que você não possui dúvida da exatidão.

Na parábola das minas contada por Jesus, um administrador entrega uma quantidade de valores a candidatos, 1, 5 e 10 minas, como se fosse um teste para futuros administradores. É um empréstimo para realização de negócios. Alguns se saem melhores, conseguem um bom retorno. menos um dos agraciados ou concorrentes. Ele tem medo, pega o que recebeu e enterra. E devolve exatamente o que recebeu. Não quis arriscar, não quis se aventurar. Não teve CORAGEM de investir. A parábola de Cristo nos leva a meditar sobre o depósito divino confiado ao ser humano. Aos dons e talentos concedidos, que deveriam prosperar, multiplicar e não ser enterrados. Daniel lerá algo similar na vida de Belsazar.

Belsazar era regente de uma grande nação, filho de um sacerdote, neto de um grande rei, de quem se esperava grandes coisas. Porém as lições do passado não o transformaram. Tratou com deslegância, com irreverência coisas espirituais. Realizou atos de sexo sagrado em louvor a Ishitar e Marduk ou deuses similares, usando utensílios consagrados do templo de Salomão. De um líder se espera honra. A falta de virtudes, a falta de santidade desqualificou a Belsazar como um PADRÃO. Ele já não valia o que imaginava valer, já não tinha a dignidade para ser pesado de modo fiel na balança divina.

Para um israelita um peso falso, usado por comerciantes inescrupulosos, com valores inferiores ao que neles estava escrito, enriquecia distribuidores desonestos e diminuía a capacidade de alimentação familiar. Famílias pobres que não conheciam as artimanhas da falsificação de pesos, gastavam mais, sem conseguir comprar o que necessitavam, afundavam em dívidas, fruto de roubo.

Fazendeiros recebiam menos pelo fruto de seu trabalho, sendo pagos a menor por causa de pesos fraudulentos. Belsazar se tornou um peso corrompido.

A PESAGEM DO CORAÇÃO

Psicostasia é o nome atribuído a uma cena comum representada no Livro dos Mortos que retrata a cerimônia de pesagem do coração do defunto no tribunal da deusa Maat.

De acordo com as crenças dos habitantes do Antigo Egito, a morte física não era o fim da existência, existindo a possibilidade de uma vida no Além. Historicamente esta vida no Além esteve de início reservada ao rei, tendo a partir do Império Médio se alargado a toda a população. Contudo, para se poder aceder a esta vida era necessário ter levado uma vida de acordo com a Maet (ou Maat), conceito egípcio que traduz a ideia da ordem universal marcada pela justiça e pela harmonia.

A pesagem do coração acontecia na sala das Duas Maet (também designada como sala Duas Verdades ou sala das Duas Justiças), onde existia uma grande balança colocada num pedestal em cujo topo se encontrava um babuíno. Na sala estavam presentes Osíris, sentado no trono, e quarenta e dois juízes.

O defunto deveria realizar uma confissão - a chamada "confissão negativa", registrada no capítulo 125 do Livro dos Mortos - através da qual atestava que não tinha praticado o homicídio, cometido o adultério, maltratado animais, praticado o roubo, etc., num total de quarenta e duas declarações de inocência que anunciava a cada um dos juízes.

Enquanto isso, o coração era colocado num dos pratos e uma pena de avestruz (a representação da leveza ou do coração da deusa Maat) era colocada no outro prato. Se os dois pratos se equilibram o defunto está absolvido; em caso de ter mentido, o coração tornava-se pesado e seria condenado.

Os deuses Anúbis e Tot também estavam presentes sala cumprindo cada um com uma função. Anúbis regulava a balança, enquanto que Tot escrevia o resultado. Perto da balança encontra-se um monstro híbrido (parte crocodilo, parte pantera e parte hipopótamo), conhecido como Ammit ou a Grande Devoradora, pronto para engolir o coração do defunto caso este tivesse um peso excessivo. Uma vez aniquilado o coração não existiria a possibilidade de ressurreição.

“pesado fostes na balança e achado fostes em falta”

Naquela noite Belsazar morreria. E junto dele o império babilônico.

Os textos mágicos nas paredes tinham também a intenção de afastar ladrões de túmulos com requintadas maldições, temidas por muitos.

O texto “mágico” escrito com o dedo de Deus transformou a cidade inteira de Babilonica, num gigantesco túmulo.

O Livro dos Mortos é uma coleção de fórmulas que facilitam a passagem para o além. O livro data do Novo Império e é considerado o mais importante da literatura egípcia antiga. O nome Livro dos Mortos é o título dado pelos árabes: Kitabul-maitim. O título original em egípcio era Per-em-hru, Livro da chegada à luz. Compõe-se de 180 capítulos (Barsa. 1987. 10, p.194a.) (A edição da Hemus está dividido em 190 capítulos). e era escrito em papiro ou couro, colocado numa caixa decorada com a imagem de Osíris, a qual era colocada no sarcófago. Foram encontradas centenas de exemplares, com ligeiras diferenças entre eles (www.omnix.hpg.ig.com.br), que estão em diversos museus do mundo (Barsa. 1987. 10, p.194a.).

O Livro Egípcio dos Mortos é um termo cunhado no século XIX para um corpo de textos conhecidos dos antigos egípcios como os feitiços para Indo adiante pelo dia. Após o Livro dos Mortos foi traduzido pela primeira vez por egiptólogos, ganhou um lugar no imaginário popular como a Bíblia dos antigos egípcios. A comparação é muito inapropriado. O Livro dos Mortos não era o livro sagrado central da religião egípcia. Foi apenas uma de uma série de manuais composto para ajudar os espíritos dos mortos elite para atingir e manter uma vida após a morte completa".

Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

A História

O Livro dos Mortos se originou a partir de conceitos descritos em pinturas, e em inscrições em tumbas a partir da Terceira Dinastia do Egito (c 2670 - . 2613 AC). Pela dinastia 12 (1991-1802 AC) essas magias (ou feitiços), eram acompanhadas de ilustrações, e foram escritos em papiro e colocados em túmulos e sepulturas com os mortos. Sua finalidade, como o historiador Margaret Bunson explica, "era instruir o falecido sobre como superar os perigos da vida após a morte, permitindo-lhes assumir a forma de criaturas míticas, e lhes dar as senhas necessárias para admissão a determinadas fases do submundo". Eles também serviu, no entanto, para fornecer a alma o conhecimento prévio do que seria de esperar em cada etapa. Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Ter um Livro dos Mortos em uma tumba seria o equivalente a um estudante nos dias de hoje colocar as mãos em todas as respostas do teste que poderia precisar em cada série do ensino.

Em algum momento antes de 1600 AC os diferentes períodos foram divididos em capítulos e, no momento do Novo Reino (1570-1069 AC), o livro foi extremamente popular. Escribas que eram especialistas em feitiços seriam consultados para a moda da customização de livros para um indivíduo ou uma família. Bunson

observa: "Essas magias e senhas não eram parte de um ritual, mas foram formados para o falecido, para ser recitado em sua vida após a morte". Se alguém estava doente, e temia que poderia morrer, eles iriam até um escriba e pediria para escrever um livro de feitiços para a vida futura. O escriba precisa saber que tipo de vida que a pessoa viveu, a fim de supor o tipo de viagem que poderia esperar após a morte; em seguida, os feitiços apropriados seriam escritos especificamente para esse indivíduo."



Livro dos Mortos de Taysnakht

Antes do Novo Reino, O Livro dos Mortos estava disponível apenas para a realeza e elite. A popularidade do mito Osiris no período do Novo Reino, fazia as pessoas acreditarem que os feitiços eram indispensáveis, porque Osíris era proeminente no julgamento da alma após a morte. À medida que mais e mais pessoas desejassem seu próprio Livro dos Mortos, escribas abrigava-os e o livro tornou-se

apenas mais uma mercadoria produzida para venda. Da mesma forma que os editores no presente oferecem impressões por demanda de livros ou obras autopublicadas, os escribas ofereciam diferentes "pacotes" para os clientes escolherem. Eles poderiam ter poucos ou muitos feitiços em seus livros, dependendo de quanto e como eles poderiam pagar. Bunson escreve: "O indivíduo pode decidir o número de capítulos a serem incluídos, os tipos de ilustrações, e a qualidade dos papiros usados. O indivíduo foi limitado apenas por seus recursos financeiros".

A partir do Novo Reino através da dinastia Ptolomaica (323-30 AC) O Livro dos Mortos foi produzido desta maneira. Ele continuou a variar na forma e tamanho até 650 AC, quando foi fixado em 190 feitiços uniformes, mas ainda assim, as pessoas podem adicionar ou subtrair o que quisessem do texto. Um Livro dos Mortos da dinastia Ptolomaica, que pertencia a uma mulher chamada Tentruity teve o Texto das Lamentações de Isis e Nephthys ligados a ele, o que nunca foi incluído como parte do Livro dos Mortos. Outros exemplares do livro continuaram a ser produzido com mais ou menos feitiços dependendo do que o comprador poderia pagar. No entanto, existe uma magia que cada cópia parece ter tido, foi Feitiço 125.

Feitiço 125

Feitiço 125 é o mais conhecido de todos os textos do Livro dos Mortos. As pessoas que estão familiarizados com o livro, mas que têm uma menor familiaridade com a mitologia egípcia, sabe o feitiço, mesmo sem perceber. Feitiço 125 descreve o julgamento do coração do falecido pelo deus Osíris, na Sala da Verdade, uma das imagens mais conhecidas do antigo Egito, embora o deus com suas escalas da verdade nunca é descrito no texto. Como era vital que a alma passasse no teste da pesagem do coração, a fim de ganhar o paraíso, saber o que dizer e como agir diante de Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes foi considerada a informação mais importante que o falecido poderia chegar com ela.

O FEITIÇO 125

Feitiço 125 descreve o julgamento do coração do falecido pelo deus Osíris, na Sala da Verdade, uma das imagens mais conhecidas do antigo Egito, embora o deus com suas escalas da verdade nunca é descrito no texto. Como era vital que a alma passasse no teste da pesagem do coração, a fim de ganhar o paraíso, saber o que dizer e como agir diante de Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes foi considerada a informação mais importante que o falecido poderia chegar com ela.



Livro dos Mortos de Taysnakht

Quando uma pessoa morre, eles são guiados por Anubis para a Sala da Verdade (também conhecida como O Corredor de Duas Verdades), onde eles irão fazer a Confissão Negativa (também conhecida como A Declaração de Inocência). Esta foi uma lista de 42 pecados que a pessoa poderia dizer honestamente que eles nunca tinham cometido. Uma vez que a confissão negativa foi feita, Osíris, Thoth, Anubis, e os quarenta e dois juízes iriam conferir, se a confissão foi aceita, o coração do falecido foi então pesado na balança contra a pena branca de Ma'at, a pena da verdade. Se o coração foi encontrado para ser mais leve que a pena, a alma iria para o paraíso; se o coração estivesse mais pesado, ele seria jogado no chão, onde seria devorado pelo monstro deusa Ammut e a alma deixaria de existir.

O Feitiço 125 começa com uma introdução para o leitor (a alma): "O que deve ser dito quando chegar a esta Sala da Justiça, purga [nome da pessoa] de todo o mal que ele fez e vendo os rostos dos deuses." A magia começa então muito claramente dizendo a alma exatamente o que dizer quando encontrar Osíris:

"Saudações a você, Grande Deus, Senhor de Justiça! Eu vim para você, meu senhor, para você pode trazer-me para que eu possa ver a sua beleza, eu sei que você e eu sabemos seu nome, e sei os nomes dos quarenta e dois deuses daqueles que estão com você neste Sala da Justiça, que viveram aqueles que apreciaram o mal e que engoliram seu sangue naquele dia do acerto de contas de pessoas na presença de Wennefer [outro nome para Osíris]. Eis o duplo filho das cantoras; Senhor da Verdade é o seu nome. Eis que eu vim a ti, eu trouxe-lhe a verdade, eu tenho repellido a mentira para você. Eu não fiz a falsidade contra os homens, eu não empobreci meus companheiros, não tenho feito nada de errado no Lugar da Verdade, eu não aprendi o que não é..."

Após este prólogo, a alma em seguida fala a Confissão Negativa, e é questionada pelos deuses e os quarenta e dois juízes. Neste ponto, foi necessária certa informação muito específica, a fim de ser justificada pelos deuses. Uma, se precisava saber nomes diferentes dos deuses e ao que eles foram responsáveis, mas também se precisava saber detalhes como os nomes das portas do quarto e o piso que era preciso atravessar; e era precisava saber os nomes dos próprios pés. Como a alma respondeu a cada divindade com a resposta correta, eles iriam ouvir a resposta, "Você nos conhece; passe por nós" e poderia continuar. Em um ponto, a alma deve responder ao chão sobre os pés da alma:

"Eu não vou deixar que você pise em mim", diz o piso da Sala da Justiça.

"Por que não? Eu sou puro."

"Porque eu não sei os nomes de seus pés com os quais você pisa em mim. Diga seus nomes para mim."

"Imagem secreta de Rá é o nome do meu pé direito; 'Flor de Hathor' é o nome do meu pé esquerdo."

"Você nos conhece; entre por nós."

O feitiço conclui com o que a alma deve estar vestida quando atende o julgamento e como se deve recitar o feitiço:

O procedimento correto nesta Sala da Justiça: Um deve proferir este feitiço puro e limpo, e vestido com roupas brancas e sandálias, com o olho pintado de tinta preta e ungido com mirra. Não será oferecido a ele carne e aves, incenso, pão, cerveja e ervas, quando você colocar este procedimento escrito em um chão limpo de ocre, coberto com terra sobre o qual nenhum suíno ou pequenos gados pisaram.

Após isso, o escriba que escreveu o feitiço, felicita-se por um trabalho bem feito e garante o leitor que ele, o escrivão, irá florescer assim como seus filhos para sua parte por fornecer o feitiço. Ele vai fazer o bem, diz ele, quando ele próprio trata do julgamento e serão "se assegurara com os reis do Alto Egito e os reis de Baixo Egito, e ele estará na suíte de Osíris. Um milhão de vezes na verdade." Para fornecer o feitiço, o escriba precisa ser considerado parte do funcionamento interno da vida após a morte, e assim terá com certeza uma recepção favorável no submundo e passagem para o paraíso.



Livro dos Mortos de Aneru

Para a pessoa média, até mesmo o rei, toda a experiência foi muito menos certa. Se um deles respondeu a todas estas perguntas corretamente, e tinha um coração mais leve que a pena da verdade, e se um conseguiu ser gentil com o grosseiro Divino Ferryman, que iria remar com as almas através do Lago

Lily, iria encontrar a si mesmo no paraíso. O Campo Egípcio de Palhetas (às vezes chamado de Campo de Ofertas) foi exatamente o que se tinha deixado para trás na vida. Uma vez lá, a alma se reunia com entes queridos e até mesmo com animais de estimação. A alma veria uma imagem da casa que sempre conheceu com exatamente o mesmo quintal, mesmas árvores, mesmos pássaros cantando na noite ou de manhã, e isso iria ser apreciado por toda a eternidade na presença dos deuses.

A RETIRADA DO CORAÇÃO DO FARAÓ, A SUBSTITUIÇÃO

O escaravelho-coração é tido como um dos amuletos funerários mais importantes que acompanhavam a múmia. Tal fato se dava porque a função desse amuleto **era de não deixar que o coração se levantasse contra seu dono** no momento da pesagem no Tribunal de Osíris. Destarte, o coração era tido como órgão mais importante do corpo humano, porque nele se encontrava a **sabedoria, os desejos, a dor, a raiva, ou seja, todos os sentimentos.** Os amuletos de escaravelho foram utilizados pelos egípcios desde o Período pré-dinástico, estes eram vistos como a simbologia do deus solar Khepri (☀️) que significava ressurreição e renascimento, também identificado como o sol nascente. Ele pode ser representado como um escaravelho com o disco solar ou como um homem com cabeça de escaravelho. Por que ressurreição e renascimento? Porque os egípcios perceberam que esse inseto fazia uma bola de excrementos e a arrastava pelo deserto com o intuito de enterrá-la. Após 28 dias um novo escaravelho nascia. Fato que os levou a crer que os escaravelhos renasciam. Dessa forma, os amuletos de escaravelhos eram utilizados nos caixões, nas múmias e nas inscrições das tumbas egípcias para que garantissem o renascimento do morto. Sua função era não permitir que o coração do morto se levantasse contra seu dono durante o Tribunal de Osíris. **Esse Tribunal consistia no local onde o coração era pesado na balança da verdade e da justiça,** tendo como contrapeso a deusa Maat, representada por uma pena. Caso o coração fosse mais pesado que a pena, ele era devorado por Ammit (deusa híbrida de crocodilo-hipopótamo-leão), que espreitava ao lado da balança. Caso o coração do morto fosse devorado, seu nome sumiria por toda a eternidade. Isso para os egípcios antigos seria a morte realmente, momento em que a pessoa era completamente esquecida. Em contrapartida, se o coração fosse menos pesado ou de peso igual ao da pena, o morto teria o direito de ir para o Mundo Inferior. Contudo, para que o coração tivesse esse peso, contava-se com a ajuda o escaravelho-coração que possuía em sua base o Capítulo 30b do Livro dos Mortos. Todavia o amuleto poderia conter outros textos que indicassem esse desejo do morto em manter o seu coração leve.

Ezequiel 36

...25Então aspergirei água fresca e límpida, e ficareis purificados; **Eu mesmo vos purificarei de todas as vossas impurezas e de todos os vossos ídolos.**

26E vos darei um novo coração e derramarei um espírito novo dentro de cada um de vós; arrancarei de vós o coração de pedra e vos abençoarei com um coração de carne.

Quando lemos nas Escrituras a profecia de Ezequiel, estamos lendo uma das maiores preocupações do antigo faraó, um milagre que o Egito desconhecia. O da mudança de essência, da modificação do caráter. O milagre da REGENERAÇÃO. O faraó conhecia sua PECAMINOSIDADE. **E compreendia que no mais profundo do seu ser, seu coração, poderia traí-lo quando da época de seu julgamento celestial**, revelando suas faltas, revelando seu verdadeiro caráter, já que sua mente não estaria em condições de resistir ao seu interior. Um egípcio lendo isso ficaria maravilhado. Ele preferia arrancar seu coração e aprisionar em algum lugar remoto, do que ter a possibilidade de ser manifestado seus desejos mais íntimos. Ezequiel mostra um caminho mais excelente. Que só poderia ser cumprido após a ressurreição de Jesus.

RESUMINDO

Belsazar conhecia tais proposições. O Egito estava vivo e operante em sua época. Suas ideologias e crenças eram basicamente as mesmas de 450 anos antes. Babilônia se tornaria uma potência justamente pela batalha contra o EGITO, batalha de Carquemis, vencida pelo seu avô, Nabucodonozor. É do EGITO que os babilônicos aprenderam, nos 2000 anos anteriores de convivência, as liturgias, aos cânticos, as formas sofisticadas de cultos. São os deuses egípcios os primeiros ídolos que formaram o panteão das mil divindades de Babilônia.

Belsazar sabe o que significa PESADO FOSTES NA BALANÇA. Que um juízo divino o havia penalizado. Que diante de alguém mais PODEROSO que a encarnação da verdade egípcia, (Maat estava presente, por assim dizer quando Moisés a afronta e desmoraliza pelo espírito de Deus) ele foi pesado, e achado em falta. Que ele não estava sendo aprovado. Que seus encantamentos não bastaram. Que seus atos, na verdade, haviam se revestido de pura indignidade.

E sem um escaravelho mítico que pudesse usar para substituir no peito a seu falho coração.

FINALIZANDO

Quando o banquete terminou a história do mundo havia mudado. As marcas espirituais, miraculosas, letras de uma história de fantasmas, permanentes e visíveis por uma multidão eram uma ESCRITA MÁGICA que continha na verdade uma MALDIÇÃO.

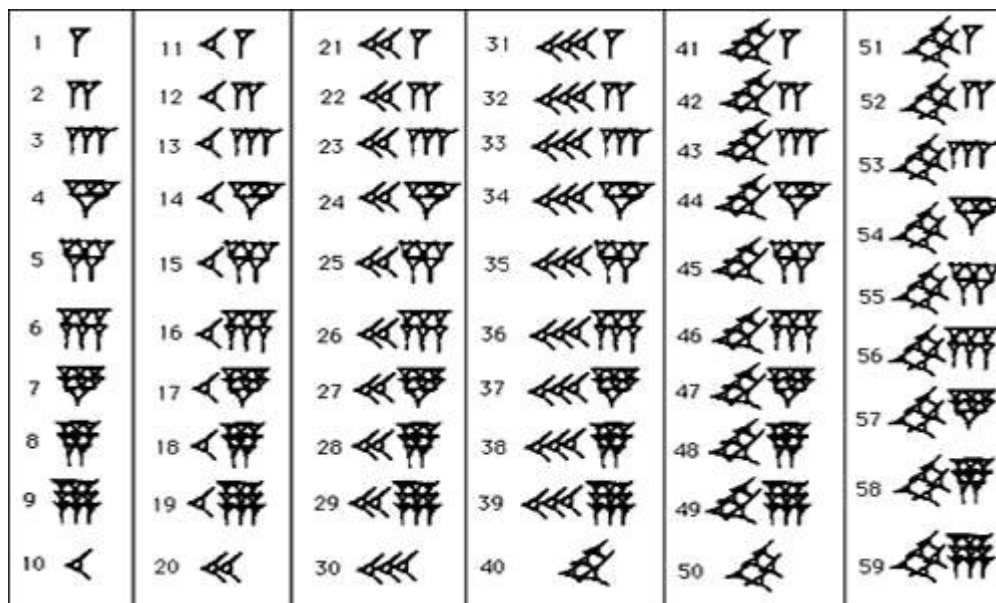
A cidade de Babilônia era célebre pelas artes ocultas, por suas feitiçarias e encantamentos

*Porém ambas estas coisas virão sobre ti num momento, no mesmo dia, **perda de filhos e viuvez**; em toda a sua plenitude virão sobre ti, por causa da multidão das tuas feitiçarias, e da grande abundância dos teus muitos encantamentos.*

Isaías 47:9

Por milhares de anos Babilônia invocou todo tipo de feitiçaria. Suas religiões eram mágicas, a vida de seus soberanos seguia os astros, dirigidos por cânticos a deuses e até demônios de tríades desconhecidas. Deusas serpentes, importação de divindades egípcias, invocação de mortos, uso de pedras, de sangue, de vísceras de animais, de prostituição sagrada para gerar dinheiro para fabricação de toda espécie de divindade. Bairros inteiros dentro da cidade eram dedicados a fabricação e exportação de estátuas de deuses. Ofícios milenares, hereditários de famílias cuja subsistência era baseada em fabricação de ídolos. O Espírito de Deus TERMINA a história maldita de uma cidade amaldiçoada através de uma maldição escrita na parede do palácio. Que se tornará também um MASOULÉU. Toda aquela geração de nobres, todas as pessoas envolvidas naquela festa macabra, morrerá naquela noite. Os egípcios usavam maldições e encantamentos nas paredes das pirâmides cuja função era ENGANAR as divindades e proteger contra a entrada de demônios. Os encantamentos deveriam "nublar" a consciência dos deuses para que não "enxergassem" as falhas de caráter dos mortos ali representados para que tivesse o direito de serem julgados. A outra função da "**escrita mágica**" das paredes das pirâmides era amaldiçoar, manter afastado pelo medo, os ladrões de túmulos. A escrita "mágica" da parede do palácio babilônico, fará o contrário. Permitirá a entrada dos invasores, DESPROTEGE a cidadela, ANULA milhares de anos de ENCANTAMENTOS.

Os anos da cidade, os nomes dos reis, a nomeação dos meses, tudo possuía uma contagem exata. Os períodos lunares, as órbitas de Júpiter, Vênus, Mercúrio, eram medidas com exatidão de quem conhecia um sistema decimal e até hexadecimal.



Quando Daniel diz: **Deus contou os dias do teu reinado e determinou o seu fim**, está dizendo que não são os deuses de babilônia que determinam os tempos ou as estações. Não são eles que podem perpetuar no poder, ou sequer definir a história. Nem mesmo determinar a duração da vida de um homem, seja ele um plebeu ou de um rei. Porque a eternidade pertence a ele.

MENE, MENE TEQUEL, UPHARSIN.

A nível de dons espirituais é uma operação de milagres – o mundo físico é mudado, a escrita é real e permanece na parede. É uma palavra de conhecimento, onde Deus revela as razões que levaram a destruição daquele reino. É uma palavra de sabedoria, um enigma que só pode ser decifrado através da sabedoria espiritual dada a Daniel. É uma profecia, porque define o futuro de uma nação. É possivelmente uma palavra dada em línguas estranhas no Velho Testamento. Talvez a única manifestação de línguas escrita no mundo, ocorrendo em BABEL, no mesmo lugar onde as línguas humanas foram confundidas. Conduz, do mesmo modo, sendo uma palavra com a essência, modus operandis ou forma do dom de línguas, a uma interpretação de línguas, quando DANIEL a interpreta. E também é uma manifestação do dom da fé. Não dos PRESENTES. É fruto da fé de profetas do passado. Que creiam que um dia Babilônia haveria de cair. É uma operação de milagres que teve início 175 anos antes, quando ISAÍAS profetizou este instante.

Então, o texto bíblico maravilhoso é um K Aidan, é uma história de fantasmas, é uma operação milagrosa, é a lembrança da pesagem do coração no tribunal de Osíris, é a releitura do feitiço 125 na parede, é um ato de encantamento divino, amaldiçoando a cidade que amaldiçoou a toda terra, é uma profecia. É um banquete maldito, banquete divino em homenagem aos deuses errados, é a lembrança de um padrão de conduta corrompido, onde a prostituição sagrada e o ato de divinização do rei, no qual invocava para si o direito ao trono de babilônia por parentesco com a divindade, na verdade se mostraram rituais

vazios. Onde deuses que não eram deuses não protegeram da irresponsabilidade espiritual, a um homem que desprezou o respeito devido, às coisas de Deus. No dia em que TODO O PODER era colocado nas mãos do rei, o dia de sua consagração, o dia do banquete, foi na verdade o dia em que Belsazar perdeu tudo. É um conto de terror onde uma maldição acima de todas as maldições demonstra na cidade dos encantamentos o VERDADEIRO significado de *escrita mágica*.

Nove dias antes do banquete, em virtude dos atos religiosos da festa de anovo novo, da celebração do casamento sagrado, o sacerdote da cidade dava um tapão na face do rei. O pai de Belsazar era o sacerdote. Não bastou-lhe um tapa na cara, para que retornasse a razão... E foi no **dia do SEU casamento sagrado**, na cidade de Babilônia sitiada, com uma liturgia improvisada, que a divindade padroeira da cidade **ficou viúva**.

Como Isaías já havia profetizado.

Então o texto bíblico é a soma de todas as coisas. E também é um espetáculo.

Wellington Corporation



MENE, MENE TEQUEL, UPHARSIN.